



Composição dos fluxos de Investimento Direto Estrangeiro no Brasil e impactos no desenvolvimento econômico

Palavras-Chave: Investimento Direto Estrangeiro; Internacionalização Produtiva; Desenvolvimento.

Autores(as):

Wagner Gottardello Filho, IE – UNICAMP

Prof. Dr. Mariano Francisco Laplane, IE - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Enquanto a globalização e a constituição das Cadeias Globais de Valor (CGVs) abriu novas possibilidades e oportunidades de desenvolvimento para diversos países, principalmente através da internacionalização produtiva e tecnológica, outros países tornaram-se crescentemente expostos ao capital internacional de forma assimétrica e hierarquizada. A intensidade e as características do processo de internacionalização e de desnacionalização da estrutura produtiva brasileira podem ser avaliadas a partir da evolução dos fluxos de comércio exterior, mas principalmente através fluxos de Investimentos Diretos Estrangeiros (IDEs), instrumento de externalização das Empresas Transnacionais (ETNs), que nas últimas décadas cresceram a taxas muito superiores às do comércio internacional e do produto global (Sarti e Hiratuka, 2010). Mais do que avaliar a intensidade no volume desses fluxos, é indispensável olhar para sua qualidade e composição do ponto de vista macroeconômico, isto é, como contribuem ou atrasam a ampliação e diversificação da capacidade produtiva (aumento da formação bruta de capital fixo), mas também do ponto de vista do Balanço de Pagamentos, ou seja, se apresenta potencial para promover um aumento das exportações, ou até mesmo uma redução das importações nos setores mais deficitários.

METODOLOGIA:

A metodologia deste projeto consiste em realizar uma revisão bibliográfica de dados macroeconômicos, relatórios, artigos, censos, textos para discussão e indicadores fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Banco Central do Brasil, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e Globalização Econômica (SOBEET), em âmbito nacional, e pela *United Nations Conference on Trade and Development* (UNCTAD), *United Nations Industrial Development Organization* (UNIDO) e *Organisation for Economic Cooperation and Development* (OECD), em âmbito internacional, a fim de obter informações a respeito da composição dos fluxos de investimentos diretos no Brasil, mas também se e como esta variou ao longo dos períodos estabelecidos.

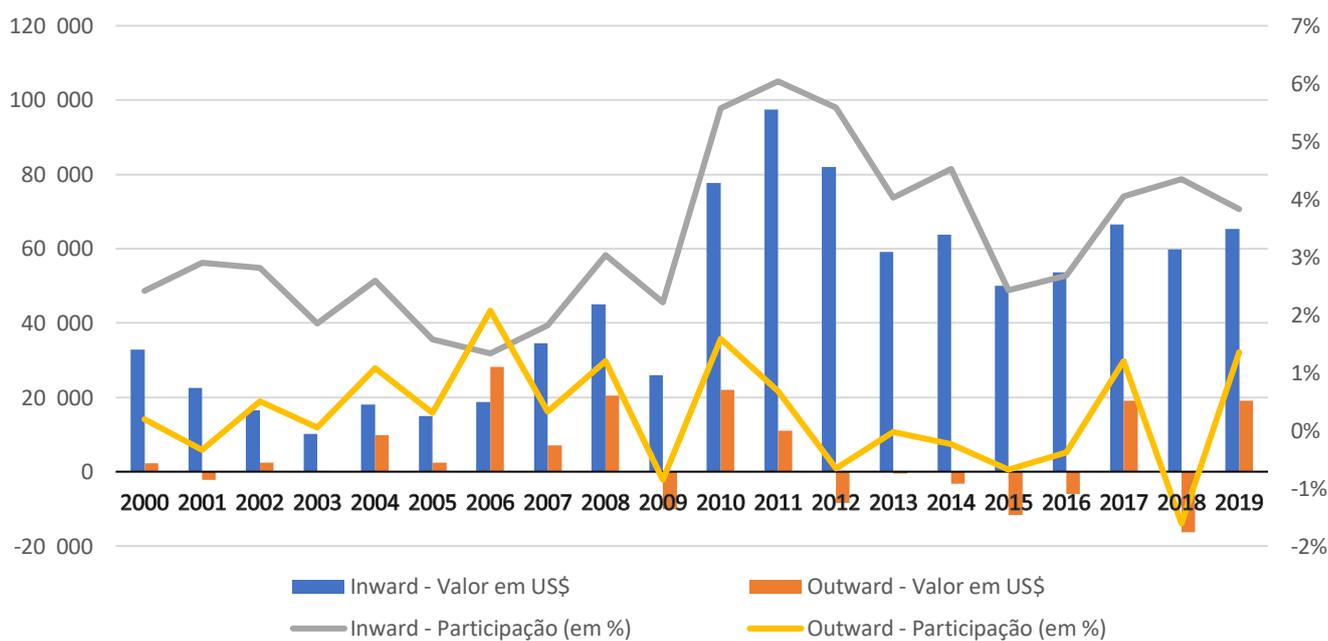
Nessa lógica, a análise da composição dos fluxos de investimentos diretos no Brasil neste projeto será feita a partir de quatro pontos principais que podem ser encontrados nas produções das instituições e organizações citadas acima, isto é, i) a proporção entre as modalidades dos fluxos de investimentos diretos - *greenfield* ou *brownfield*, ii)

os países de origem das empresas que promovem os fluxos de investimentos diretos, iii) os setores para quais esses investimentos são direcionados - em linhas gerais, setor agrícola, extrativo, serviços ou indústria, e iv) para quais ramos os investimentos diretos são majoritariamente encaminhados do ponto de vista do grau de intensidade tecnológica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Não é surpresa que a economia brasileira possui uma elevada presença de capital estrangeiro nas suas estruturas de produção, comércio e bens e serviços. No entanto, essa participação tem aumentado de forma significativa desde a crise financeira internacional de 2008, assim como a partir da desaceleração e recessão econômica doméstica no período de 2015-2019, contrariando a tendência global. De acordo com a *United Nations Conference on Trade and Development* (UNCTAD), os fluxos de entrada de IDE na economia brasileira acumularam US\$ 242 bilhões no período de 1999-2008, em contraposição a US\$ 701 bilhões no período de 2009-2019. Em outros termos, tem-se que aproximadamente 75% dos fluxos de IDE recebidos pela economia brasileira entraram no país após a crise financeira internacional de 2008.

Figura 1 - Brasil: Evolução e Participação no IDE recebido e realizado global (em US\$ milhão e em %)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da UNCTAD

Cabe ressaltar que uma simples análise acerca do volume de IDE recebido pela economia brasileira nas duas últimas décadas já nos permite observar que, assim como na década de 1990, há uma discrepância relevante entre o crescente investimento estrangeiro recebido e o reduzido grau de internacionalização das empresas brasileiras. Em outras palavras, a economia brasileira se constitui enquanto importadora líquida de capital, de modo que não se verifica uma inserção virtuosa nas CGVs a partir de grandes grupos empresariais nacionais em contrapartida à crescente presença do capital estrangeiro no país. Mais do que isso, em diversos anos, observa-se

momentos de desinvestimento no exterior. Diante disso, aumenta-se a preocupação com a transferência de decisões e atividades estratégicas para fora do país, assim como com a não incorporação de ativos chave na diversificação da estrutura produtiva. O ponto é que a economia brasileira tem se tornado crescentemente mais dependente dos investimentos estrangeiros ao mesmo tempo em que não consegue se impor no mercado internacional. Parte dessa problemática pode ser explicada justamente pela composição dos investimentos estrangeiros recebidos que, reforçam características primárias da estrutura produtiva brasileira, como veremos adiante.

Em relação a capacidade de indução do crescimento econômico pelo IDE na economia brasileira, quando analisamos a relação entre a FBCF e o PIB, observamos que esta manteve-se praticamente constante entre 2000 e 2009, apresentando inclusive uma queda entre 2009 e 2019, período marcado por um aumento dos fluxos de IDE em relação ao PIB. Isso sugere que, mesmo com um aumento significativo dos fluxos de IDE, não houve um crescimento relevante em relação ao investimento no sentido macroeconômico, portanto uma baixa capacidade de indução do investimento pelo IDE.

Em termos globais, parte considerável do investimento estrangeiro tem sido destinada às operações de fusões e aquisições (F&A), e o Brasil tem se destacado como um dos países preferenciais de entrada do capital estrangeiro nessa modalidade, o que contribui para a intensificação do processo de desnacionalização da estrutura produtiva. De acordo com os dados apresentados no *Boletim de Fusões e Aquisições* realizado pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (ANBIMA), no período de 2009-2018 foram anunciadas 1455 operações de Aquisições e Fusões (A&F), totalizando um valor de aproximadamente R\$ 1,9 trilhão. Contudo, é fundamental olhar para o perfil das operações, ou seja, a origem e destino do capital. Nessa lógica, as operações de empresas estrangeiras comprando empresas brasileiras somaram R\$ 737 bilhões, isto é, 39% das operações anunciadas (a preços constantes de 2018), evidenciando o processo em curso de desnacionalização da estrutura produtiva brasileira.

Tabela 1 - Brasil: Perfil das Operações de A&F (Preços de 2018)

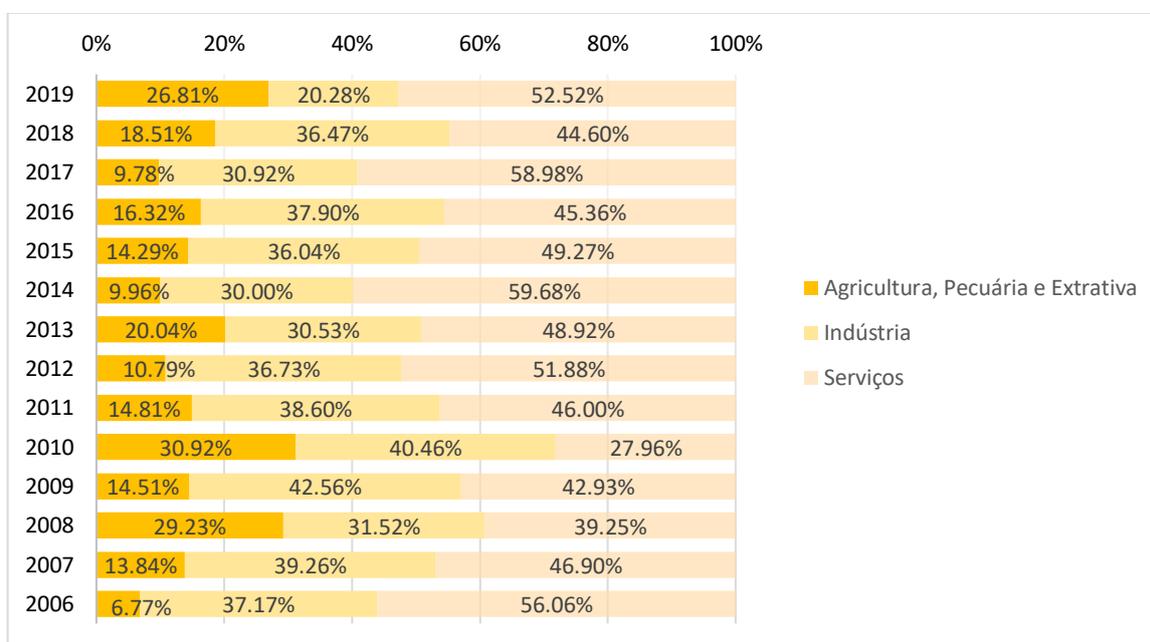
Perfil das Operações de A&F (Preços constantes de 2018)	Acumulado 2009-2018 Valores em R\$ Bilhões	%	Acumulado 2009-2018 Número de Operações	%
Aquisições entre empresas brasileiras	672,1	36%	730	50%
Empresas estrangeiras vendendo para empresas brasileiras	308,1	16%	175	12%
Empresas estrangeiras comprando de empresas brasileiras	737	39%	467	32%
Aquisições entre empresas estrangeiras	175	9%	83	6%
Total de operações	1892,2	100%	1455	100%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANBIMA.

Em relação aos países investidores, apesar da Europa ainda se manter como a região de maior destaque, ao longo das duas últimas décadas os Estados Unidos, os Países Baixos e Luxemburgo têm se destacado como principais investidores na modalidade participação no capital. A modalidade participação no capital está relacionada ao investimento de não residentes no capital de empresas residentes no Brasil. Quando se observa a modalidade de operações intercompanhia, esses três países permanecem no topo dos investidores, porém outros ganham maior relevância, como Alemanha, Bélgica e México. As operações intercompanhia estão relacionadas a créditos concedidos a empresas residentes no Brasil por não residentes.

Tendo em vista os dados disponibilizados pelo Banco Central de acordo com o CNAE 2.0 no período 2006-2019, aproximadamente 48% dos fluxos de investimento direto no país foram direcionados ao setor de serviços, 35% à indústria e 17% à agricultura, pecuária e extrativa. No setor de serviços, as atividades mais relevantes foram o comércio, com 18% de participação, mas também serviços financeiros e atividades auxiliares, com 15% de participação. No setor da indústria, as atividades de destaque são relativamente pouco intensivas em tecnologia, como a metalurgia, com 18% de participação, e veículos automotores, reboques e carrocerias, com 14% de participação. Por fim, na agricultura, pecuária e extrativa, as atividades com maior participação nos fluxos de investimento direto destinados a esse setor foram a extração de petróleo e gás natural, com 51%, e a extração de minerais metálicos, com 30%. Isso corrobora com o argumento de que a presença do capital estrangeiro tem reforçado ainda mais a posição subordinada de nossa indústria no cenário internacional, assim como não tem contribuído como imaginado para a diversificação da estrutura produtiva.

Figura 2 - Brasil: Ingresso de IDP distribuído por setor (Participação no Capital)



Fonte: Elaboração Própria a partir de dados do Banco Central do Brasil

Os indicadores elaborados pela UNIDO possibilitam uma melhor interpretação desse e de outros tópicos abordados. Ao observarmos o Índice de Competitividade Industrial (CIP), que considera na sua elaboração a dimensão da capacidade de produção e de exportação de bens manufaturados do país, da dependência e o *upgrading* tecnológico do país e do impacto e da importância do país na produção e exportação globais, percebemos que o Brasil tem perdido posições no *ranking* mundial ao longo das últimas décadas. Isso sugere que houve, quando comparado a outros países, uma piora nessas três dimensões. Mais do que isso, tratando unicamente do Brasil ao longo das duas últimas décadas, verifica-se uma piora relevante em indicadores importantes como o CIP, a parcela de atividades de média e alta intensidade tecnológica no total do valor agregado manufatureiro, a parcela do valor agregado manufatureiro em relação ao PIB e o índice de qualidade das exportações industriais.

CONCLUSÕES:

A partir dos dados relacionados à composição dos fluxos de IDE recebidos pelo Brasil nas duas últimas décadas, pode-se concluir que, apesar de uma ligeira melhora, assim como nos anos 1990 estes fluxos continuam apresentam baixo potencial de indução ao crescimento e à FBCF, mas também contribuem para o processo de desnacionalização da estrutura produtiva e para a inserção assimétrica do país nas CGVs. Isso ocorre principalmente em função: (i) das elevadas e crescentes operações de fusões e aquisições que, além de não estimular o investimento do ponto de vista macroeconômico, amplia a presença e domínio do capital estrangeiro no território nacional; (ii) do direcionamento majoritário dos fluxos de IDE para o setor de serviços, assim como para ramos pouco intensivos em tecnologia dentro da indústria, o que atrasa a diversificação e ampliação da base produtiva; e (iii) do baixo grau de internacionalização das empresas brasileiras que, ratifica a condição primária e subordinada no mercado internacional.

REFERÊNCIAS:

United Nations Conference on Trade and Development. **World Investment Report**. Julho, 2023. Disponível em <<https://unctad.org/topic/investment/world-investment-report>>. Acesso em 12/12/2023.

United Nations Conference on Trade and Development. **UNCTAD STAT**. Setembro, 2023. Disponível em <<https://unctadstat.unctad.org/datacentre/dataviewer/US.FdiFlowsStock>>. Acesso em 18/01/2024.

ANBIMA. **Boletim de Fusões e Aquisições**. Outubro, 2019. Disponível em <https://www.anbima.com.br/pt_br/informar/relatorios/mercado-de-capitais/boletim-de-fusoes-e-aquisicoes/>. Acesso em 20/01/2024.

Banco Central do Brasil. **Tabelas especiais**. 2023. Brasília - DF. Disponível em <<https://www.bcb.gov.br/estatisticas/tabelasespeciais>>. Acesso em 17/01/2024.

United Nations Industrial Development Organization. **Competitive Industrial Performance Index**. 2021. Disponível em <<https://stat.unido.org/database/CIP%20-%20Competitive%20Industrial%20Performance%20Index>>. Acesso em 21/01/2024.

Sarti, F.; Hiratuka, C. **Indústria mundial: mudanças e tendências recentes**. Texto para Discussão IE/Unicamp, n.186, dez.2010.

Sarti, F.; Laplane, M. F. (2019). **Internacionalização, desnacionalização e desenvolvimento**. Observatório de Economia Contemporânea, Le Monde Diplomatique Brasil.

Sarti, F.; Laplane, M. **O Investimento Direto Estrangeiro e a internacionalização da economia brasileira nos anos 1990**. Economia e Sociedade, Campinas, v. 11, n. 1 (18), p. 63-94, jan./jun. 2002.